

POBRE PRECISA É DE OPORTUNIDADE

MARCELO NERI | No Brasil, políticas contra desigualdade são importantes aliadas no combate à pobreza na opinião do pesquisador e professor da FGV, Marcelo Neri. Acrescenta que atuar na pré-escola, dando incentivos, pode ser mais interessante do que o Bolsa Família como está. Ele também defende melhorias na qualidade do estudo e a substituição de iniciativas como a do Programa Primeiro Emprego por incentivos para que os jovens possam estudar mais



OP - Depois da queda da inflação qual o próximo passo?

Marcelo Neri - Depois da inflação inercial no Brasil que foi vencida com o Plano Real agora a gente tem que vencer a iniquidade inercial. Começa agora a dar esse sinal de queda. Não somos os recordistas mundiais da desigualdade mas estamos no pódio há 40 anos.

OP - O senhor acha que a mesma forma que damos a inflação vamos resolver o problema da desigualdade? Só que vai demorar. Não é uma questão de alguns anos mas de algumas décadas. Posso estar sendo otimista mas acho que esse processo está finalmente entrando em "marcha", afirma. Na opinião dele, a área social não deve estar nem acima nem abaixo da área econômica, mas sim ter o mesmo tratamento.

OP - O senhor acha que a mesma forma que damos a inflação vamos resolver o problema da desigualdade? Só que vai demorar. Não é uma questão de alguns anos mas de algumas décadas. Posso estar sendo otimista mas acho que esse processo está finalmente entrando em "marcha", afirma. Na opinião dele, a área social não deve estar nem acima nem abaixo da área econômica, mas sim ter o mesmo tratamento.

OP - O senhor acha que a mesma forma que damos a inflação vamos resolver o problema da desigualdade? Só que vai demorar. Não é uma questão de alguns anos mas de algumas décadas. Posso estar sendo otimista mas acho que esse processo está finalmente entrando em "marcha", afirma. Na opinião dele, a área social não deve estar nem acima nem abaixo da área econômica, mas sim ter o mesmo tratamento.

OP - Qual o ponto que mais chamou atenção no seu mais recente estudo "Sexo, Casamento e Economia"?

Marcelo Neri - Na verdade foram dois pontos. De um lado as mulheres sozinhas ganham mais do que as mulheres casadas. Implicação econômica talvez da opção conjugal ou da não opção conjugal e da própria ascensão feminina no mercado de trabalho ocorrida nas últimas décadas. Pode até ganhar o título de revolução feminina. No sentido não técnico mas secular. Acho que a mulher revolucionou o mercado de trabalho. Mas as mulheres sozinhas, elas ganham individualmente 62% a mais de renda do que as mulheres casadas. Esse é um fato que chamou especialmente atenção.

OP - E o outro ponto que o senhor destaca?

Marcelo Neri - É um ponto até meio triste talvez mais para os homens, embora seja triste para ambos. É o captado numa frase: solidão é senhora. O que acontece: os homens são mais sozinhos quando são jovens; as mulheres são mais sozinhas na fase mais madura. Por que acontece isso? As mulheres vivem mais que os homens. Antes disso, as mulheres casam com homens mais velhos. Ainda hoje 74% dos casamentos são de homens mais velhos que mulheres, 6% iguais, 19% das mulheres mais velhas que os homens. Então as mulheres ficam sozinhas na fase mais idosa porque elas casam com homens mais velhos e os homens morrem antes que as mulheres, em geral. Então eu diria que as mulheres sozinhas estão melhor economicamente que as casadas e a solidão é senhora. Acho que são os dois pontos que mais chamaram atenção na pesquisa.

OP - O senhor escreveu que se tamanho econômico e inércia na promoção de reformas valerem ao Brasil o apelido de patibaleia, no campo da desigualdade seria-mos uma baleia enclalhada. O senhor também disse que as últimas edições da Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam uma redução da desigualdade. Tem alguma novidade nessa área?

Marcelo Neri - A gente fez um exercício mais recente que mostra que essa redução de desigualdade é coisa generalizada para qualquer tipo de medida de desigualdade. O que a gente observa é que se essa queda da desigualdade continuar acontecendo ela tem um efeito tríplice e mais maior sobre a pobreza do que o crescimento econômico que a gente observou no passado de 5%, que

era um crescimento que o País não tinha há 15 anos. Eu diria que é um dado importante. Passou um pouco despercebido, pois seguindo a receita culinária do Delifim (Netto, ex-ministro da Fazenda) o bolo foi melhor distribuído mas encolheu. Acho que na edição da PNAD que vai sair, nos próximos meses, veremos um bolo melhor distribuído e com mais fermento nas classes mais pobres. Essa é a expectativa. São as projeções do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

OP - O senhor acredita numa reversão dos dados sobre pobreza?

Marcelo Neri - O aumento de pobreza que houve no primeiro ano no governo Lula deve ser revertido no segundo e no terceiro ano, mais do que compensado por conta dessa combinação de crescimento com queda da desigualdade. A distribuição de renda per capita de 2003

PERFIL

MARCELO CORTES NERI é diretor do Centro de Políticas Sociais, ligado ao Instituto Brasileiro de Economia, e professor da Escola de Pós-Graduação em Economia (EPGE), ambos vinculados à Fundação Getúlio Vargas (FGV).

PhD em Economia pela Universidade de Princeton (EUA), atuou como pesquisador na Diretoria de Estudos Sociais do Instituto Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA). Tem artigos publicados regularmente em obras nacionais e internacionais. Seu paper chamado "Think Global, Act Local: Social Credit based on MDGs" ganhou o prêmio do Global Development Network, realizado em Dakar em janeiro 2005.

Alguns de suas pesquisas estão ligadas às mais importantes organizações não governamentais (ONGs) do Brasil, como o Mapa da Exclusão Digital, com o Comitê para Democratização da Informática (CDI), e o Mapa do Fim da Fome II, com a Ação da Cidadania. O autor integra o Conselho da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, ONG pioneira na atuação em escala nacional. Publicou recentemente os livros *Retrato da Deficiência* (2003) e *Cobertura Previdenciária: diagnóstico e propostas* (2003).

é mais igualitária que a de 2001. Pode parecer até pequena a redução mas teve um papel fundamental para que a pobreza caísse num primeiro momento e que não aumentasse durante o ano de 2003 que foi um ano difícil, de ajustes da economia, seqüelas da crise de 2002, do ataque especulativo, da desconfinção econômica em relação no governo Lula que foi revertida.

OP - Depois da queda da inflação qual o próximo passo?

Marcelo Neri - Depois da inflação inercial no Brasil que foi vencida com o Plano Real agora a gente tem que vencer a iniquidade inercial. Começa agora a dar esse sinal de queda. Não somos os recordistas mundiais da desigualdade mas estamos no pódio há 40 anos.

OP - O senhor acha que a mesma forma que damos a inflação vamos resolver a chaga da desigualdade social?

Marcelo Neri - Só que vai demorar mais tempo. Não é uma questão de alguns anos mas de algumas décadas. Posso estar sendo otimista mas acho que esse processo está finalmente entrando em marcha.

OP - O senhor diz que a causa fundamental da miséria brasileira é a má distribuição de renda e aí reside parte essencial de sua solução. Essa solução deve ser trabalhada através de programas sociais. Como o senhor vê essa questão?

Marcelo Neri - Acho que distribuição, transferência de renda como o Bolsa Família faz pode desempenhar um papel principal no curto prazo e coadjuvante no longo prazo, principalmente porque se quer alguma velocidade no processo. Agora, acho que o aspecto fundamental a ser atacado é a má distribuição de ativos produtivos. Mais do que caridade, feita por boas razões por parte do Estado, os pobres precisam de oportunidade. Oportunidade representada pela posse, utilização e retorno de ativos produtivos. É preciso pensar no capital dos pobres. O que quer dizer é educação, pequenos negócios, infraestrutura, saneamento, enfim, um portfólio de ativos que permita ao pobre caminhar com as suas próprias pernas, gerar sua própria renda.

OP - O Brasil já passou por outros momentos iguais a esse?

Marcelo Neri - Acho que na história brasileira, nos últimos 20, 30 anos, teve algum momento que a renda foi transferida para os pobres. O cruzado é um

exemplo disso. Só que foi uma transferência fugaz. O que a gente nunca teve no Brasil é um processo consistente de transferência de riqueza, de renda para os pobres. Acho que essa é uma agenda que nunca foi achada no Brasil, pois nunca foi buscada. Receber renda do Estado é importante mas gerar renda é o que no longo prazo vai informar se o Brasil foi ou não bem sucedido na sua luta contra a pobreza e a desigualdade.

O que a gente observa é que se essa queda da desigualdade continuar acontecendo ela tem um efeito três vezes e meia maior sobre a pobreza do que o crescimento econômico que a gente observou no passado de 5%, que era um crescimento que o País não tinha há 15 anos

OP - O senhor defende programas como o Fome Zero no combate à miséria? Em que o Fome Zero avançou?

Marcelo Neri - Apesar da gente ter alcançado em 2001 um estudo chamado Mapa da Fim da Fome, antes do Fome Zero, sou um crítico de primeira hora do Fome Zero. Apesar do governo ter criado o Bolsa Família ainda hoje se dá muita ênfase ao Fome Zero. Acho que é uma inflexão que o programa não merece. Acho que o Bolsa Família apesar de necessitar de vários aprimoramentos é um bom ponto de partida. É um programa que tem uma boa concepção. Acho que o desafio é como criar o Bolsa Família 2.0, a versão 3.0, com nova geração de políticas sociais. O Bolsa Família desempenha um papel importante nesse processo. Acho que o grande eixo condutor das políticas de transferência de renda do Governo federal chama-se Bolsa Família. Acho que o Fome Zero deveria ser abandonado porque virou um slogan e nem é bom porque não é um slogan original. Existia Tolerância Zero, em Nova Iorque. Fome Zero é uma bandeira meio internacional e acho que embute nas pessoas uma ideia de meta, de que você vai eliminar a miséria. Não me entender o Fome Zero é um programa mal concebido, mal implementado e deveria ser esquecido.

OP - O senhor defende subsídios no combate à desigualdade?

Marcelo Neri - Tem dois focos de avanço para programas sociais em geral e o Bolsa Família, em particular. Um é a questão de focalização que se tornou tabu no Brasil. Focalização é uma palavra grande mas não é palavrão. A idéia de que é preciso atender primeiro os mais pobres acho uma idéia que faz todo o sentido. É muito importante. O segundo é de pensar nos incentivos. O que eu acho que é in (está em alta) e out (em desuso) na política social. Out é ineficiência, inflação, iniquidade. Coisas in são: informação, incentivos e infância. O Bolsa Família dá incentivos, informação através de um bom cadastro e acho que essa idéia de focar na infância é importante. É onde a pobreza é mais séria no presente no Brasil, e em outros países também, e onde você vai conseguir transformar de uma maneira mais intensa, vai ter o maior retorno social das políticas sociais.

Acho que o aspecto fundamental a ser atacado é a má distribuição de ativos produtivos. Mais do que caridade, feita por boas razões por parte do Estado, os pobres precisam é de oportunidade. Oportunidade representada pela posse, utilização e retorno de ativos produtivos (educação, pequenos negócios, infra-estrutura, saneamento etc)

OP - O senhor vê algum problema no Bolsa Família?

Marcelo Neri - O problema do Bolsa Família é que talvez ele possa estar chovendo no molhado. Ele está dando incentivo às crianças de sete a 15 anos que frequentam a escola. É um segmento bom, mas as crianças já estão na escola. É um bom programa no melhor dos casos de transferência de renda mas não um bom programa educacional. Acho que dar atenção à pré-escola, às crianças de zero a seis anos de idade, e criar uma contrapartida para que a mãe não só vacine a criança mas ponha o filho na pré-escola são uma direção interessante que tem uma literatura recente. Estudos têm mostrado que essa é a direção mais importante de melhorias nas políticas educacionais.

OP - O senhor acrescentaria mais algum ponto?

Marcelo Neri - Outra direção importante é a melhoria na qualidade da educação. O problema do Brasil não é a frequência, o estar matriculado na escola. Frequentar a escola é importante mas diria que além disso, e que capta o efeito dessas duas coisas, é a qualidade da educação. No Brasil, a qualidade é baixa e cadente. Acho que usar incentivos para que a criança melhore o seu desempenho num esquema tipo Bolsa Família pode ser interessante. Outro ponto de incentivo seria estender o Bolsa Família para a população acima de 16 anos ou mais, substituindo iniciativas como a do Programa Primeiro Emprego. Em suma, acho que o princípio do Bolsa Família é interessante. Acho que atuar na pré-escola, dando incentivos, pode ser mais interessante do que o Bolsa Família como está, melhorar a qualidade para as pessoas que estão na faixa dos sete aos 15 anos de incentivo escolar, cobrar não só quantidade mas qualidade de educação, criar incentivos para isso. E na fase posterior de atuação do Bolsa Família criar não incentivo ao primeiro emprego mas, através de uma segunda Bolsa Família, que melhoraria os baixos níveis educacionais observados em todas as partes do Brasil.

OP - Em uma de suas pesquisas o senhor encontrou um Brasil de 170 milhões de habitantes com 50 milhões vivendo em condições precárias, com renda inferior a R\$ 80 mensais. Esse quadro evoluiu?

Marcelo Neri - Essa pesquisa foi lançada em 2001 e refletia dados até 1999. Se a gente olhar a evolução de lá para cá, o primeiro ponto que passou também despercebido é que o segundo melhor ano da série de pobreza no Brasil foi 2002, que era até um momento de crise. Mas os

dados mostram que a pobreza caiu 2,5% em 2002, cresceu em 2003, acho que vai cair fortemente em 2004. É preciso lembrar que não é de 2001 para cá e que a gente viveu primeiro a crise argentina, racionamento de energia, ataques terroristas de 11 de setembro que provocaram desaquecimento, crises das eleições de 2002 e depois um momento mais favorável internacional e nacionalmente. Mas esse momento inicial teve uma forte crise e a pobreza não aumentou no Brasil, principalmente a pobreza rural. Ela só cresceu em 2003. Mas acho que, dadas as proporções das crises macroeconômicas, reflete o fato de que o Estado está mais atuante e está oferecendo colchões sociais amortecendo os efeitos da crise sobre os mais necessitados. Falta agora desenharmos trampolins que permitam a ascensão social deste grupo.

OP - O senhor defende alguma mudança de rumo no debate atual?

Marcelo Neri - Acho que a discussão agora está numa outra pergunta: como fazer? Acho que essa é a pergunta interessante: qual a próxima geração de políticas sociais do Brasil? Isso é, obviamente, uma discussão aberta para debate. Mas acho que é o que a área social deveria estar mais interessada em discutir. Não é discutir quem ajudar. Já sabemos qual o perfil da miséria no Brasil. Acho que até era importante que o governo brasileiro adotasse de uma vez por todas uma linha oficial de miséria para ajudar a convergir o debate. Acho que é até importante ele optar por uma linha para que se passe de uma vez por todas para esse segundo passo que é: como fazer?

OP - É a questão da inclusão digital?

Marcelo Neri - Essa é outra agenda importante. Publicamos o estudo *Mapa da Exclusão Digital*. Acho que a inclusão digital é onde reside parte do futuro das políticas sociais de caráter mais estrutural. Acho que países como a Índia e a Irlanda estão caminhando bem nessa área tanto no sentido econômico quanto social, estão conseguindo fazer fortes progressos. O Brasil acho que está um pouco defasado. Você tem algumas experiências brasileiras que estão sendo exportadas para outros países como a ação do Comitê para a Democratização da Informática (CDI). Então, o Brasil está em busca só que essas políticas não são generalizadas.

OP - O senhor também considera que a carga tributária brasileira é alta demais?

Marcelo Neri - Tem uma colega minha que represento bem o nome do Estado brasileiro. O papel do Estado brasileiro é uma mistura de carga tributária de uma Inglaterra com a qualidade dos gastos sociais de um país pobre como Gana. E o Ingana. Taxa como um país rico e gasta como um país pobre. O Brasil hoje tem uma carga tributária de 36% do PIB que é um nível muito alto para o nível de desenvolvimento do País. Tem um volume de gastos sociais até bem razoável mas de baixa qualidade. Primeiro você arrecada 36% do PIB, apesar da alta informalidade existente. Se cada pessoa, física ou jurídica, pagasse os impostos que estão na lei a carga tributária seria muito maior que isso. Então a informalidade virou um pouco um esporte nacional, até por questão de sobrevivência, por falta de bom senso por parte do Estado que tem um apetite muito grande. E

Receber renda do Estado é importante mas gerar renda é o que no longo prazo vai informar se o Brasil foi ou não bem sucedido na sua luta contra a pobreza e a desigualdade

por outro lado os gastos sociais são de quantidade relativamente alta e de qualidade bastante baixa porque não chegam aos pobres ou quando chegam não transformam a vida dos pobres. Então acho que não é quanto mais Estado melhor é quanto melhor a atuação do Estado melhor. Acho que o Brasil a gente viveu um momento de crescer a parte de arrecadação tributária sem uma consequente melhora na qualidade, na efetividade dos gastos sociais. Acho que essa é uma outra agenda a ser perseguida. A sociedade brasileira está dando um basta no aumento da carga tributária observada nos últimos 10 anos.

OP - Em 2005 o senhor divulgou um estudo sobre a população universitária do Brasil o qual detectava que nesse período o número de estudantes negros no nível superior cresceu 55,1%, os pardos 14,9% e os brancos 10,4%. Diante desse estudo o senhor é favor ou contra a adoção de cotas para negros nas universidades?

Marcelo Neri - Acho que esse é um tema polêmico. Esses dados mostram que na verdade já estava acontecendo, enquanto a gente estava discutindo cotas, ocorria uma revolução silenciosa. Aumento o número de afrodescendentes nas universidades de 2001 para 2003, de 750 mil para um milhão em dois anos. Foi um aumento. Acho que as cotas têm mérito de olhar para a questão da desigualdade racial que, tal como a nossa desigualdade em geral, ela - é retórica de democracia racial mas não acho que seja a melhor forma de combater. Acho que se você tiver uma boa política para os pobres, os afrodescendentes vão e devem ser os primeiros da fila. Ou seja, o princípio de primeiro os mais pobres serve em particular aos afrodescendentes.

OP - De todas as pesquisas que o senhor fez, qual a que mais gostou? Com qual mais se envolveu?

Marcelo Neri - É difícil dizer. A atividade de pesquisa é apaixonante. Gostei muito de fazer essa pesquisa recente sobre os casamentos. É uma pesquisa que segue uma linha mais de olhar para a sociedade de uma maneira diferente do que a gente vinha olhando. Acho que inclusão digital é uma política importante porque olha para o futuro etc, assim como políticas de combate à pobreza. Atualmente, pesquisas mais ligadas a comportamentos, que são pouco usuais na análise dos economistas aqui no Brasil, são o que mais me fascina hoje. O mais interessante é na verdade ficar debruçado sobre as novas tendências da sociedade brasileira. É como se fosse um caminho e o aspecto mais gratificante na pesquisa é quando você passa por lugares que você nem imaginava, passa por realidades, enxerga coisas que surpreende as suas idéias iniciais. Acho

que esse é o aspecto mais interessante da atividade de pesquisa.

OP - Como o senhor vê a atual crise política no Brasil?

Marcelo Neri - Acho que é bastante preocupante. Se há cinco anos alguém falasse: o Lula vai ser presidente, a política econômica vai ser essa que até ali, os resultados econômicos que começam a ser colhidos são esses, ninguém acreditaria. Você tem lá o Lula com essa taxa de juros (19,75%) mas com crescimento de emprego formal de 1,5 milhão por ano. É uma situação muito surpreendente e todos esses problemas que têm surgido são também bastante surpreendentes à luz do que se poderia esperar. Acho que isso reflete o Brasil, eterno gerador de surpresas. Acho que o Brasil é isso: esse país que no começo do ano era uma coisa, hoje é outra. É uma situação muito preocupante mas vamos torcer para que as coisas caminhem para um lugar melhor.

OP - O senhor tem idéia do que possa acontecer?

Marcelo Neri - Acho que se dissesse que tinha uma idéia seria uma idéia profundamente errada. Quando a gente acha que as coisas começam a se assentar, a entrar num ritmo de marasma, vêm novos fatos etc. Acho que na verdade toda essa crise mostra a importância de se investir em instituições mais sólidas. Acho que talvez esse seja o grande aspecto a ser buscado agora. Talvez seja um teste às instituições brasileiras. É preciso que o Brasil passe nesse teste.

OP - O senhor acha que o governo do presidente Lula acabou?

Marcelo Neri - Não. Acho que tem mais um ano e três meses de governo. Outros eventos vão acontecer e pode ser que até piore. Tomara que melhore o Brasil. Acho que tudo depende também da humildade, da capacidade de olhar para a situação e tentar melhorar. Acho que realmente se perder esse sentido, aí talvez tenha acabado. Espero que isso não seja verdade porque o que está em jogo não são disputas políticas, mas é o presente.

OP - Que mudanças o senhor defende na economia?

Marcelo Neri - Acho que as taxas de juros estão muito altas. De toda essa discussão sobre déficit nominal zero, que não emplacou até por conta do ambiente, acho que o importante é gerar um choque de gestão. O que acho que era importante era o Brasil adotar metas sociais a exemplo do que faz em relação a

Acho que o grande eixo condutor das políticas de transferência de renda do Governo federal chama-se Bolsa Família. Acho que o Fome Zero deveria ser abandonado porque virou um slogan e nem é bom porque não é um slogan original

metas de inflacionárias. Essa é uma agenda que já defendo há muitos anos. O que proporia, ao invés de simplesmente desvincular gastos sociais, seria condicionar a desvinculação a metas de desempenho social.

OP - O senhor defende um processo de conversão da dívida social em riqueza financeira para estados, municípios?

Marcelo Neri - Exatamente. Acho que uma das poucas vantagens de ser pobre, talvez a única, é a capacidade de melhorar. Defendo um sistema onde a melhora efetiva observada nos lugares mais pobres implique em mais recursos para essas áreas no futuro. É o que a gente chama de sistema de crédito social. É um programa onde você recebe um recurso, ao invés de ser um recurso doado é um recurso emprestado, só que você pode saldar essa dívida - o Estado, o Município, o País - através de avanços nos indicadores sociais. Se você fizer isso você vai ter um incentivo, uma espécie de uma corrida onde ser pobre te dá uma vantagem. Muitas vezes a gente dá um tratamento desigual entre questões econômicas e questões sociais. Acho que a gente precisa dar um status à área social similar ao dado à área econômica. Então: metas inflacionárias com metas sociais. Acho que a área social não deve estar nem acima nem abaixo da área econômica. Deve estar num mesmo nível, com igualdade de tratamento.

O papel do Estado brasileiro é uma mistura de carga tributária de uma Inglaterra com a qualidade dos gastos sociais de um país pobre como Gana. É o Ingana. Taxa como um país rico e gasta como um país pobre

OP - O senhor acha que o Brasil vai crescer uns 3% esse ano?

Marcelo Neri - Acho que sim. Essa são mais ou menos as projeções existentes em várias instituições. Crescerá menos que no ano passado mas você tem uma conjuntura internacional favorável e o Brasil de alguma forma vai se aproveitar dela. O bom seria se pudéssemos crescer mais.

OP - A economia está "blindada"?

Marcelo Neri - Espero que esteja. Os fundamentos são sólidos e o vento é a favor. Agora tem um iceberg pelo caminho. O Brasil está há muito tempo sem crescer, de maneira sustentável. A qualidade do nosso crescimento, tanto a sustentabilidade, a qualidade distributiva nunca foram desenvolvidas. Houve surto de crescimento, bolha de crescimento em tempos acontecendo. E quando aconteceu elas, em geral, não beneficiam a todos os brasileiros, principalmente os mais pobres são deixados de fora.

OP - O senhor continua otimista em relação ao Brasil?

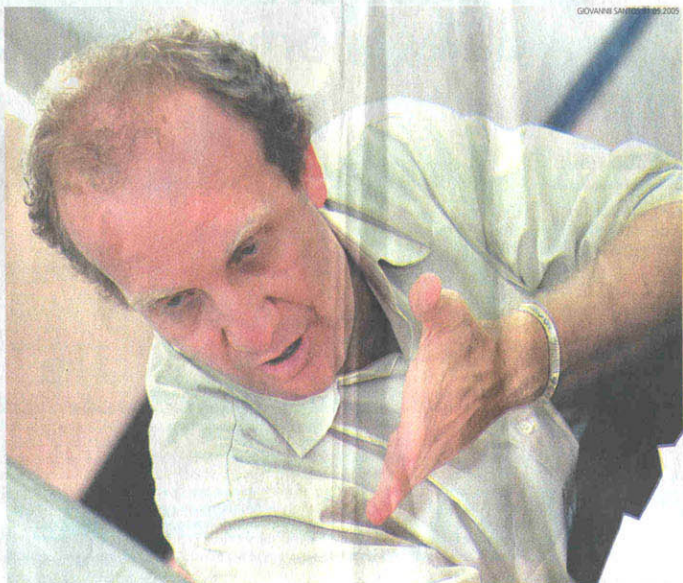
Marcelo Neri - Diria que sou um otimista condicionado. Se não tiver nenhum acidente de percurso internacional, ou encontrarmos um iceberg pela frente, não teremos problemas. A economia mundial está crescendo muito. Acho que o Brasil tende a crescer apesar da crise interna. Embora pudesse estar crescendo mais, tanto quanto outros colegas latino americanos. Mas acho que se a maré internacional virar, existe indícios que isto pode acontecer, a situação do Brasil vai piorar.

OP - É difícil entender o Brasil?

Marcelo Neri - Acho que o Brasil além de apaixonante é um país fascinante. Agora, é uma montanha-russa que reserva emoções fortes. Uma das marcas brasileiras é a desigualdade, a outra diversidade. Quem gosta do Brasil tem que gostar dessas características. São características estruturais. É verdade que a inflação está baixa, o que só aconteceu há pouco tempo. Acho que a agenda agora é uma agenda de combate às desigualdades, reformas institucionais e não dá marcha à ré aos avanços que já foram feitos.

OP - O senhor teme algum retrocesso?

Marcelo Neri - Não. Acho que as instituições estão sendo testadas. Mas como professor sei que muitas vezes o aluno tem que repetir de ano para aprender. Espero que o Brasil não repita de ano. Muitas vezes é o País que repete de ano por conta mas dos seus dirigentes.



GOVANE SANTOS/REUTERS